

A Atividade Colaborativa no Ensino Infantil: letramentos e ludicidade com crianças do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Clovis Eduardo Gomes Vieira, Francisco Arquer Thomé,
Gyovana Aryele R. Chagas Aurelietti, Luciano Oliveira Borges,
Paula Joseph Macheta.

Disponibilidade de dados: Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo

O presente trabalho é um Projeto Integrador entregue à UNIVESP em 2021

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tratar e abordar de uma maneira bibliográfica, lúdica e epistêmica a presença e a inclusão de crianças do com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil, dispondo informações que possam ser implementadas em aula. Tem-se uma investigação metodológica que contribua para que professores de classe comum possam deliberar sobre práticas inclusivas e aperfeiçoem o diagnóstico sobre os cenários que abrangem esse tema. Nessa perspectiva, a temática busca garantir a integração profícua das crianças com TEA às atividades educacionais, olhando sobre a importância dos letramentos, atividades lúdicas e adaptações necessárias ao seu desenvolvimento. A educação da criança com autismo requer cuidados que vão além do trato equitativo do educador, pois inclui o manejo das diferenças, conhecimentos contextuais, colaborativos, e técnicas metodológicas de integração. Ademais, este Projeto Integrador coleta dados e entrevistas junto ao tema, dando aporte a um Plano de Aula que assegure que os educadores e as crianças reforcem um cenário favorável à educação e usufruam do aprendizado de uma forma organizada e adaptada.

PALAVRAS-CHAVE: TEA. Autismo. Pedagogia. Metodologias. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to treat and address in a bibliographic and epistemic way the presence and inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in early childhood education. There is a methodological investigation that helps common class teachers to decide on inclusive practices and improve the diagnosis of the scenarios that cover this topic. In this perspective, the theme seeks to ensure the fruitful integration of children with ASD in educational activities, looking at the importance of literacies, playful activities and adaptations necessary for their development. The education of children with autism requires care that goes beyond the equitable treatment of the educator, as it includes the management of differences, contextual, collaborative knowledge, and methodological integration techniques. In addition, this Integrator Project collects data and interviews on the topic, providing support for a Lesson Plan that ensures that educators and children reinforce a favorable scenario for education and enjoy learning in an organized and adapted way.

KEYWORDS: ASD. Autism. Pedagogy. Methodologies. Child education.

INTRODUÇÃO

Atualmente, um tema presente dentro da educação é a busca por inclusão dos alunos especiais, ou seja, com alguma dificuldade de aprendizado ou algum fator que traga obstáculos à progressão cognitiva. Devemos ressaltar que esses alunos especiais não vêm “aparecendo” somente nos dias de hoje, porém nas metodologias tradicionais, relacionadas às abordagens didáticas, não era dada a atenção necessária para este quesito nas escolas. Antes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, não havia um apoio significativo à inclusão de autistas no campo escolar (CARTONI, RIBEIRO, 2017), e o cerne da educação não estava na identificação e na inclusão. A partir do século XXI, as formações iniciais e continuadas de professores agregaram a importância de se pensar novos mapeamentos metodológicos.

Dentre os alunos especiais, encontramos diversos transtornos e graus diferentes, os “sinais” variam de indivíduo para indivíduo e cada um o apresenta de uma maneira. Entre estes transtornos, nós enfatizamos o TEA - Transtorno do Espectro Autista, já que este se trata de um transtorno que se inicia na infância e tende a persistir na adolescência e na fase adulta.

Para desenvolver este estudo, focamos na Educação Infantil, com crianças do 0 aos 5 anos, e conversamos com educadores que possuem experiências em ações didáticas, relatos e vivências em TEA, além de duas professoras que entrevistamos a fundo, colhendo dados para a elaboração de um protótipo de Plano de Aula que será entregue na conclusão do Projeto Integrador. Analisaremos de que forma a bibliografia conversa com os relatos dos professores de classe comum, e como são suas relações pedagógicas diante de crianças com TEA. Discutiremos, também, as relações metodológicas e onde há inadequações didáticas passíveis de aperfeiçoamento.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: a princípio, a partir de um olhar sobre a colaboração nos letramentos, adotamos uma perspectiva de ação didática e metodológica que se baseia no desenvolvimento das crianças do Ensino Infantil de forma macrocós mica¹; em seguida, há um afinilamento gradual ao microcosmo de duas escolas na cidade de Divinolândia, interior de São Paulo, onde reforçamos a importância de se pensar o contexto

¹ Os termos macro e microcós mico tomam notoriedade com a definição de campo de Bourdieu (2004). Para o autor, “a noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (p. 20).

de estudo, seus espaços, atividades lúdicas e a formação docente; por último, é apresentado o Plano de Aula baseado bibliografia e nas entrevistas realizadas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Propor a aplicabilidade de ações metodológicas, contextuais e lúdicas, a professores de classe comum junto a crianças com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Infantil (TEA)

2.2 Objetivos Específicos

- Exemplificar um Plano de Aula que corresponda às necessidades dos professores de classe comum entrevistados;
- Identificar a importância de um olhar contextual, colaborativo e inclusivo na educação de crianças com TEA.

3 JUSTIFICATIVA E PROBLEMAS DE PESQUISA

No mundo contemporâneo, o autismo é um tema muito comum em toda e qualquer situação de interação social, inclusive nas escolas, já que a estimativa é de que uma a cada 160 (cento e sessenta) crianças apresenta um diagnóstico de TEA, levantamento este feito pela farmacêutica Prati-Donaduzzi (SINDUSFARMA, 2021). Os casos são quatro vezes mais comuns no sexo masculino e atualmente, segundo a CDC - Center of Diseases Control and Prevention (OLIVEIRA, 2021) estima-se um total de 2 (dois) milhões de autistas no Brasil. Por se tratar de um transtorno geralmente diagnosticado na infância, demos destaque em nosso trabalho ao Ensino Infantil, que abrange crianças da faixa etária de 0 (zero) a 5 (cinco) anos; de 0 (zero) a 3(três) anos nas creches e creches-escola, e dos 4 (quatro) aos 5 (cinco) anos na pré-escola.

Por ser um assunto extremamente comum nos dias de hoje, muitas dúvidas são geradas pelos educadores e vêm à tona, como por exemplo: "como vou lecionar com alunos que possuem dificuldade na comunicação e socialização?", "como será feito o acompanhamento do desenvolvimento, da compreensão e da devolutiva destes alunos?",

“poderei trabalhar normalmente com os tipos de ensino nas salas com alunos com autismo, ou terei de interferir e de certa forma aplicar mudanças?”. Ou, até colocando em outros termos, “como posso dar aula a um aluno autista se não tenho nenhuma formação específica sobre esse transtorno?”.

Além destas dúvidas, outras dificuldades também são encontradas, como por exemplo, problemas de compreensão e aceitação por parte da família. Nestes casos os Pais, Mães e Responsáveis Legais (PMRL)² sentem um choque ao descobrir o diagnóstico de um filho com necessidades especiais e negam que a criança precisa de tratamento, suporte e apoio; ou não aceitam comentários de mediadores em relação a uma suposta possibilidade de que a criança esteja no espectro autista, negando que ela precise passar por um médico em busca do diagnóstico e possível tratamento. Em casos como estes, os PMRL se veem perdidos e sem um norte, resultando no aumento das dificuldades de aprendizagem dos filhos, já que quanto antes o diagnóstico for feito e aceito, mais efetivo serão os tratamentos necessários. Vale destacar que o apoio e a influência dos pais, de acordo com Sonsin (2018), é considerado um forte fator no desenvolvimento ontológico das crianças.

4 VISITANDO O CONCEITO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O TEA, de uma forma sucinta é um transtorno neurológico, que compromete o portador em sua socialização, pois atinge sua capacidade comunicativa e de interação. O Autismo possui graus diferentes, e interfere na vida dos educandos em diferentes formas. Estes graus são “medidos” pela gravidade do comprometimento dos indivíduos. Os diagnósticos costumam ser identificados pelos médicos entre 1 (um) ano e meio e 3 (três) anos, mas alguns especialistas (AUTISMO, 2013) destacam que os próprios pais ou responsáveis são capazes de detectar os primeiros sinais a partir do oitavo mês. Nos casos diagnosticados como baixa funcionalidade, o considerado nível 3 - severo, o indivíduo apresenta déficits de comunicação graves, dificuldade nas interações sociais, faz movimentos repetitivos, apresenta um atraso mental e certa agressividade, todos estes quesitos exigem maior suporte e tratamento na vida desse aluno. Nos casos diagnosticados na média funcionalidade, considerado nível 2 – moderado, o indivíduo faz movimentos repetitivos (com menor frequência que no Severo), também apresenta alguns déficits verbais e não

² Para a referência aos responsáveis legais dos estudantes, optamos pelo termo “Pais, Mães e Responsáveis Legais”, com sua abreviação PMRL, por ser mais abrangente frente a outros como somente “pais” ou “mães”.

verbais, com intensidade menor que no nível 3, porém, esse fator dificulta na comunicação e interação social, necessitando também de suporte para o aprendizado e as interações sociais. E por fim nos casos diagnosticados como alta funcionalidade, considerado nível 1 – leve, o indivíduo apresenta pouca dificuldade na comunicação, de uma forma que isso não limita sua interação social, mas também exige suporte para melhorar sua independência e seus planejamentos, já que os casos apresentam certa dificuldade de organização. Dentre estes três níveis, o mais comum a ser diagnosticado é o leve, de alta funcionalidade.

Vale acrescentar também que há ainda uma categoria chamada Savant, são casos diagnosticados com déficits intelectuais, mas que apresentam talentos incríveis (SÍNDROME, 2017). A memorização é uma das características mais marcantes nestes indivíduos, assim com a boa memorização estes podem compreender mais de um idioma, mesmo que a comunicação ainda seja uma barreira; outra característica que pode ser encontrada é a facilidade em fazer cálculos complexos, sem auxílio de materiais de suporte; nestes casos os autistas também demonstram grande facilidade nos trabalhos artísticos (Ibidem, 2017). Inclusive, Rodriguez (2020), traz como a música possui efeitos positivos junto a crianças com TEA e as qualidades musicais apresentadas pelas que apresentam a Síndrome de Savant.

5 LETRAMENTOS E AS CRIANÇAS COM TEA: O TRABALHO COLABORATIVO EM QUESTÃO

Ao trazermos a perspectiva dos letramentos para este projeto integrador, temos a premissa de que este termo não é vinculado somente a uma alfabetização grafocêntrica, o que não faria sentido, já que o trabalho é focado em crianças do Ensino Infantil. O termo “letramentos” é mais amplo e abrange as concepções contextuais e colaborativas das crianças. Para tanto, trazemos Cope, Kalantzis e Pinheiro (2020) que destacam que os letramentos são “entendidos amplamente como ferramentas para a construção de significados, são uma chave para o sucesso em todos os domínios curriculares da escola e para a autorrealização na vida para além dela” (p. 25). Se nos concentramos na importância da colaboração entre as crianças e como elas se desenvolvem cognitivamente diante das práticas sociais, vemos que o “ser letrado” é o que Kleiman (2014) define como um ser que desenvolve e usa uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem, e a autora exemplifica que “em certas classes sociais, as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas” (KLEIMAN, 2014, p. 18). Corroborando com este posicionamento, as aulas da Prof^ª Dr^ª Filomena Elaine Paiva Assolini, do

módulo de Alfabetização e Letramento I (SAL001) da UNIVESP, que reforça o constructo vygotskiano da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) na aula da semana 5; além do módulo Alfabetização e Letramento II, ministrado pela Prof^a Dr^a. Rosemary Trabold Nicacio, que reforça o referencial psicológico de Piaget nesta temática.

A partir do embasamento do termo, podemos conectar os letramentos ao desenvolvimento das crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), já que o trabalho colaborativo toma forma e contribui diretamente ao desenvolvimento ontológico desses alunos. Reforça-se que as crianças com TEA não só podem, como devem ter uma constância de interação com os demais colegas da escola. Com o letramento abrangendo esta integração, vemos um potencial neurodesenvolvimento das crianças, um respeito às diferenças (se devidamente orientada por um educador), e a desconstrução de uma patologização excessiva que vem no bojo de uma sociedade que os caracteriza como crianças que fogem do padrão. (PROGRAMA, 2020). Tanto a Prof^a Dra. Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, do módulo Educação Especial e Libras (SEL001), que também pesquisa junto a Grace Donati (CAPELLINI, DONATI, 2018), quanto a Rojo (2019), locupletam sobre a importância de se refletir a educação para a diversidade. Esta autora, trazendo Kalantzis e Cope (apud 2019), ainda reforça sobre a Pedagogia do Pluralismo, que em sua definição mais simples é “uma maneira particular de aprender e conhecer o mundo em que a diversidade local e a proximidade global tenham importância crítica” (apud 2019, p. 15).

Nesse sentido, pensar os letramentos neste projeto, é pensar na congruência colaborativa entre as crianças; todas interagindo, conhecendo suas diferenças e respeitando os conhecimentos em um espaço escolar que desenvolve nos alunos “a habilidade de expressar e representar identidades multifacetadas apropriadas a diferentes modos de vista (...)” (KALANTZIS; COPE, 2006 apud ROJO, 2019, p. 15), e também a “ampliação dos repertórios culturais apropriados ao conjunto de contextos em que a diferença tem que ser negociada” (Ibidem, 2019).

6 ADOTANDO UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ATIVIDADES LÚDICAS

Uma pergunta que muitos professores fazem quando se deparam com uma criança do espectro autista em sua sala de aula é "como ensinar uma criança com autismo se não sou especialista nesse transtorno?", "como passar o conteúdo curricular para um estudante que não se mostra curioso ou que se dispersa em sala de aula?". As atividades lúdicas podem auxiliar os professores nesta atividade tão complexa. Elas são essenciais para o desenvolvimento

completo das habilidades das crianças autistas, sejam elas cognitivas, sensoriais, motoras, emocionais ou sociais. No entanto, estas atividades devem ser realizadas com muita cautela, mas também com empolgação, para que estas crianças se sintam queridas e estimuladas.

Em um primeiro momento, devemos olhar as crianças com respeito, buscando entendê-las em sua individualidade e em relação ao seu entorno. A professora Vera Capellini, do módulo de Educação Especial e LIBRAS (SEL001), logo em sua primeira aula comenta a respeito da TEA e afirma que:

Esse aluno tem, por característica, se ele não é um aluno que fala, ele pode usar comunicação alternativa. Então, viver na diversidade, trabalhar cultivando a perspectiva da diversidade não significa considerar todas as pessoas iguais, pelo contrário, significa considerar cada um na sua característica, na sua diversidade, tem direito a ser respeitado. (CAPELLINI, 2021)

Nesse sentido, as atividades propostas devem ocorrer mantendo a interatividade e o respeito entre a criança autista e o educador, entre a criança autista e os demais colegas, objetivando o estímulo à comunicação com as pessoas que estão por perto, com toda a comunidade escolar. Quanto mais integradora e divertida a atividade, mais predispostas as crianças ficarão, e cabe ao professor da classe comum trabalhar em conjunto para que sejam fortalecidas as práticas inclusivas. As crianças com TEA devem receber estímulos para que possam interagir de maneira satisfatória, por isto a proposição de atividades deve estar ligada diretamente aos interesses e motivações delas. Piaget destaca que “os escolares alcançam um rendimento infinitamente melhor quando se apela para seus interesses e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades” (PIAGET, 1980, p.39), e sua transposição para todos as, inclusive os com TEA, acaba se tornando um eixo norteador para realização de atividades lúdicas.

Alguns exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas incluem, cantar uma canção infantil acompanhada de gestos com os dedos, buscando uma canção que a criança gosta, estabelecendo-se uma relação de interação com a mesma. Atividades assim, inclusive, fazem com que a criança se divirta e também desenvolva a comunicação verbal, uma atenção compartilhada, olho no olho. Jogar um dado com missões também é uma atividade muito proveitosa para a aprendizagem, como pegar, ou jogar um objeto, pular, girar, o que desperta a atenção e a flexibilidade.

No entanto é importante se lembrar que não existe uma receita para ensinar crianças com TEA, pois mesmo que duas pessoas apresentem o mesmo diagnóstico, elas podem reagir de modos diferentes a uma mesma proposta pedagógica. Acreditamos que corrobora para esta

discussão a proposição de Signorini (2007) ao trazer Nicolini e Holti (2003 apud 2007), para tratar sobre as dimensões da aprendizagem. Para eles, é necessário:

‘Um processo de aprendizagem que requer participação e inclusão, que envolve as esferas da emoções e do afeto’, mas que gera ao mesmo tempo conflito e diferenciais de poder e não implica necessariamente no ‘desenvolvimento de um sentido de grupo ou comunhão’. (NICOLINI; HOLTI, apud SIGNORINI, 2007, p. 182)

Assim, mais do que criar fórmulas e atividades universais, voltamos a reforçar a importância de se pensar a criança a nível local. O professor, para ensinar, não precisa ser especialista em TEA, o importante é conhecer cada aluno de forma individual e perceber como cada um aprende.

7 METODOLOGIA

A metodologia aplicada aqui, responde diretamente à busca por uma amálgama entre dimensões dos letramentos e o campo educacional, associando-os à busca de uma planificação de trabalho inclusivo e colaborativo com as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, optamos por uma metodologia que buscasse conhecer as conquistas e os impasses dos docentes durante a inclusão dos alunos com TEA dentro dos espaços escolares da Educação Infantil, realizando entrevistas com professores, analisando suas noções sobre o processo escolar e as adaptações curriculares. A primeira etapa consistiu em conversas com alguns professores, desde o Ensino Básico ao Superior (como especificado no capítulo seguinte); e ela nos levou a professoras (entrevistadas) de classe comum que interagem com crianças com TEA na cidade de Divinolândia, interior de São Paulo. Esse momento conversa com a observação contextual e etnográfica do projeto, além de identificar a epistemologia sobre o tema. A 2ª Etapa consistiu no mapeamento da cidade, na comunidade externa, um afinamento sobre o campo educacional, um olhar sobre o campo educacional em que agem as escolas E.M.E.B Moacyr Lopes de Carvalho e também a E.M.E.B Professor Germinal Ferrari. Ganha voz aqui o entendimento dos letramentos nos espaços escolares e as ações colaborativas situadas. Já na 3ª Etapa, houve a aplicação de um questionário de perguntas abertas às professoras, fazendo-nos identificar as principais dificuldades que elas encontravam em sala de aula, como são seus planejamentos, os acompanhamentos e as experiências; uma coleta de dados de base qualitativa, visando a última etapa deste projeto. A 4ª etapa consistiu em um levantamento bibliográfico que nos ajudou a elaborar um Plano de Aula (PA)

abordando um percurso metodológico, um *Design Thinking* que contribuiu com as atividades e necessidades das professoras entrevistadas e nos levasse à realização de atividades lúdicas; para tanto, recorreremos aos docentes da UNIVESP, suas indicações de leitura, e também a renomados autores acadêmicos que veem a educação com o objetivo de um desenvolvimento ontológico das crianças. A 5ª e última etapa, constitui-se com a elaboração e o compartilhamento do PA em si, formando parte dessa Entrega Final do Projeto Integrador.

Vale ressaltar que a elaboração desse Plano é suscetível a mudanças, pois depende diretamente da entrevista realizada, além de buscar melhorias também durante seu desenvolvimento; a flexibilidade do Plano servirá para que haja uma efetiva execução do PI. Por fim, pode-se acrescentar que tanto a entrevista quanto o levantamento bibliográfico, são importantes coletas de dados que dão base para a mediação da pesquisa.

8 O CONTEXTO, AS PESQUISAS DE CAMPO E O OLHAR SOBRE AS ENTREVISTAS

Antes de focarmos na principal entrevistada deste Projeto Integrador, vale destacar que conversamos com muitos profissionais da educação a respeito do TEA. Informamo-nos com professores e pedagogos de todo o Ensino Básico, do Ensino Superior, e também que atuam em muitos Estados brasileiros e fora do país. Este mapeamento nos orientou sobre a importância docente diante da inadequação metodológica, já que as crianças com autismo são integradas aos sistemas educativos e cabe aos professores, educadores e pedagogos especializados, integrá-las e ajudá-las a superar suas dificuldades específicas de aprendizagem.

A professora e assistente de gestão, Álamo (2021), que atualmente trabalha no Centro de Educación Infantil y Primaria na região de Castilla de la Mancha - Espanha, destaca que, diante de metodologias junto a crianças com TEA, o que os professores fazem é

usar pictogramas com eles, para que o tempo todo saibam o que virá, o que eles têm que fazer, para ajudá-los a se expressar. [As crianças] costumam receber atenção por parte da Pedagogia Terapêutica em melhorias da linguagem. Esses são os profissionais que temos no colégio para apoiar às crianças com necessidades educativas especiais. E também, sei que aqui na Espanha há salas específicas para TEA. (ÁLAMO, 2021)(tradução dos autores)³

³ Lo que hacen es, sobretudo, utilizar pictogramas con ellos para que en todo momento sepan que es lo que viene ahora, qué es lo que tienen que hacer, para ayudarles a expresarse. Suelen tener atención por parte de Pedagogía Terapéutica, de adición de lenguaje. Esos son los profesionales que tenemos en el cole para apoyar a niños con necesidades educativas especiales. Y bueno, luego sé que aquí en España hay aulas específicas del TEA.

As salas específicas são direcionadas a crianças com TEA que possuem um neurodesenvolvimento que os impedem de uma socialização sem acompanhamento constante e especializado.

Já a professora Manfrinato (2021), da cidade de Hortolândia, interior de São Paulo, comenta sobre a importância de se identificar as crianças com TEA. Ela traz o relato de um estudante que apenas descobriram seu autismo no 6º Ano do Ensino Fundamental.

Na escola em que trabalho, há um setor de orientação educacional voltado para os alunos de inclusão (não sei se pode falar assim). Foi a orientadora quem falou com os pais para procurarem ajuda. Ela perguntou se na outra escola alguém havia percebido a dificuldade dele [do aluno]. A mãe disse que sabia que ele era “diferente”, mas sempre diziam que ele ia melhorar quando crescesse”. (MANFRINATO, 2021)

A professora comenta sobre o trabalho que foi feito com a criança, informando que ele era “um menino muito arredo e socialmente bem isolado” (Ibidem, 2021). No fim, a professora Juliana coloca que “ele terminou o Ensino Médio de uma forma tão interessante, pois o desenvolvimento social dele foi tão magnífico que era emocionante de ver” (Ibidem, 2021). Já a pesquisadora Souza (2021), traz que possui um aluno na graduação que possui um grau de autismo de baixa gravidade no comprometimento, mas o aluno “não tem coragem ainda de assumir o autismo porque ele é do curso de Engenharia e fica com medo de abrirem as portas pra ele por pena” (SOUZA, 2021).

Assim, ao associarmos os relatos dos profissionais da educação às necessidades de cada etapa do desenvolvimento, preparamos uma sequência de perguntas para serem aplicadas a uma professora que trabalha no Ensino Infantil. Suas respostas nortearam o desenvolvimento do plano de aula deste projeto.

9 UMA PREMISA AO PLANO DE AULA

A elaboração do Plano de Aula traz como premissa o letramento⁴ que Kleiman (2007) propõe, que as práticas letradas significa “aprender e ensinar a conviver com a heterogeneidade, valorizar o diferente e o singular” (p. 18). Após algumas reuniões ao redor das respostas da entrevistada, concentramos nossos esforços para preparar uma aula para que todas as crianças participassem, se sentissem integradas, respeitassem suas diferenças e que fosse um momento feliz junto aos educadores. Nesse sentido, o constructo da pré-escrita nos

⁴ Vale reforçar que, como já construído neste projeto, o termo letramento é amplo e tem agregado em si a alfabetização, mas o aprender a ler e a escrever “palavras” não é o objetivo do Ensino Infantil.

foi amadurecida com o posicionamento de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) ao trazerem Graves (2003 apud 2020). Os autores destacam que “as crianças devem escolher seu próprio tópico para ganhar um senso de propriedade” (p. 112) e ainda reforçam que o papel do professor não é o de “transmitir conhecimento, mas o de aguardar para ajudar quando for necessário, enquanto a criança luta pelo controle” (p. 112). Trazemos também a voz de Freire (1971), o qual destaca que o conhecimento é “um encontro em que se busca o conhecimento, e não em que este é transmitido.” (p.79).

Assim, o Plano de Aula foi desenvolvido (Apêndice II deste projeto) com o olhar na criança, centrado nas dificuldades apresentadas na entrevista. Seu desenvolvimento, como dito anteriormente, buscou lançar uma metodologia ativa a partir de seu esboço. O professor Motokane (2021) da UNIVESP, do módulo de Fundamentos e Práticas no Ensino de Ciências da Natureza (SCN001), também contribui com o Plano de Aula ao trazer exemplos e estratégias sobre a propósitos e ações pedagógicas em atividades em grupo com crianças. Ele traz Sasser (2013, apud MOTOKANE, 2021) e apresenta a organização da atividade como “divisão de grupos e/ou tarefas, organização do espaço, distribuição de materiais, limite de tempo”. Destacamos também que nosso Plano de Aula tem um olhar sobre o canal de Instagram @maternidade_atipica_tea, desenvolvido por uma estudante da UNIVESP do polo de Guarulhos-SP, a qual traz informações ativistas como “autismo não é adjetivo” (MATERNIDADE, 2020), e também “Meu filho(a) é autista, e agora?” (Ibidem, 2020), entre outras. Para sua elaboração, foi utilizado um APP desenvolvido pela UNIVESP que visa ajudar na organização e aplicação de planos de aula (PLANO, 2020); ele é um recurso educacional aberto que busca uma orientação em sua carreira docente.

10 RESULTADOS PARCIAIS

Até a entrega do projeto parcial, foi possível colher dados significativos sobre o TEA e discuti-los, desde uma bibliografia que foque no desenvolvimento de crianças no campo educacional, até nas relações da comunidade escolar quanto ao tema. Foi possível levantar dados qualitativos com as professoras de classe comum entrevistadas, posicionando-nos para a elaboração de um Plano de Aula efetivo. Nesse sentido, estudamos a comunidade externa das escolas trabalhadas, suas necessidades e relações comunitárias. Com os estudos feitos até aquele momento, conseguimos perceber que este assunto ainda precisava de mais conscientização e aceitação. Por isso, intensificamos os debates sobre do que se tratava o autismo e buscamos responder a “algumas dúvidas”, normalmente encontradas nestas

situações, seja para os professores como para os PMRL. Também reforçamos de como é comum encontrar dificuldades neste campo, e buscamos mostrar sugestões de como passar por essas barreiras de formas que sempre visam o bem estar e o aprendizado das crianças. Refletimos sobre a educação em si, que independente de encontrar ou não alunos especiais, o Professor deve em todo processo de ensino/aprendizagem se conectar com seus alunos, se aproximar da realidade e do mundo de cada um deles, compreender suas particularidades, suas dificuldades, e assim, com empatia, ajudar no aprimoramento de seu conhecimento e no seu desenvolvimento.

11 RESULTADOS FINAIS

Foi possível notar uma relação entre as entrevistas, as propostas do Plano de Aula e as análises realizadas neste Projeto Integrador, ou seja, correlacionar a prática situada ao conceito de TEA, incluindo os letramentos, o trabalho colaborativo, as atividades lúdicas, e as metodologias com pontuações contextuais. O PI foi capaz de reunir condições metodológicas propícias para que estimulasse a conscientização cidadã e colaborativa, reiterando-as nas relações de ensino-aprendizagem de crianças autistas.

Na primeira análise, o grupo se viu diante de uma situação angustiante ao constatar a importância do apoio familiar quanto ao diagnóstico de crianças de TEA, pois os PMRL geralmente estão envoltos ao medo e a preconceitos ideologicamente marcados. A partir do reconhecimento e apoio da família, a atenção se voltou ao PA e aos espaços institucionais, procurando se adaptar à realidade e à necessidade dos alunos. Destarte, ouvir as entrevistadas nos encaminhou à importância da esfera familiar no processo, amadurecendo o método que usamos para prototipar os PA. Da mesma forma, a elaboração de uma atividade lúdica colaborativa foi seu eixo norteador, haja vista que, no contexto dos estudos deste projeto, a integração social é um déficit das crianças do TEA. Na análise seguinte, a implementação deu uma atenção especial à importância do diagnóstico precoce junto ao progresso social das crianças; fazendo-nos reiterar a importância do trabalho colaborativo na leitura de mundo delas, da metodologia ativa junto a seus letramentos.

Ademais, o diálogo mantido com professores ao explorar este processo de conhecimento foi central ao projeto, e é importante para reforçar a importância de ações educativas voltadas ao trabalho colaborativo, ocasionando melhores formas de convivência junto às crianças com TEA. Os PA, por terem uma raiz presencial, não foram aplicados até a elaboração deste resultado final, já que as restrições advindas da pandemia de Covid-19 ainda

continuam. Assim mesmo, estamos certos que tais estudos visam uma melhoria na comunidade escolar em Divinolândia-SP, levando à ampliação do olhar, de um apoio epistemológico em sala de aula, além de um entrelaçamento de todas as vozes envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Integrador apontou para o dimensionamento de um plano de aula vinculado à práticas situadas de professores de classe comum junto a crianças com TEA, havendo uma relação entre os contextos escolares e ações colaborativas vinculadas ao Ensino Infantil, apropriando metodologias de vieses interativo e inclusivo. As entrevistas e mapeamentos etnográficos serviram como pontapé inicial e, de forma recursiva, os estudos bibliográficos alimentaram de forma basilar toda a pesquisa.

A questão do autismo traz inúmeras discussões e encontra docentes que buscam contribuir para que a integração das crianças seja efetiva e seu desenvolvimento ontológico. Observamos ainda que muitos profissionais não se sentem formados para agir com o TEA, mas eles elaboram atividades focadas e contam com apoio de profissionais do campo; o desafio repetido é a aceitação familiar para se realizar o diagnóstico, sendo um embate antevisto ao próprio processo pedagógico. É preciso que o trabalho colaborativo seja reforçado aos letramentos de crianças do Ensino Infantil, pois ele coloca em discussão o desenvolvimento discente junto ao entendimento de significados, além de favorecer a integração sociocultural e fazer com que a escola proporcione um espaço onde se trabalhe e respeite as diferenças. O trabalho com crianças com TEA requer um docente que contextualize a ludicidade com atividades cognitivas, sensoriais, motoras, emocionais e sociais, interagindo de maneira satisfatória às configurações da sociedade atual e demandas para a formação pessoal dos alunos.

O plano de aula apresentado é consonante com as necessidades das professoras pesquisadas, e as contribuições bibliográficas apontam que o desenvolvimento de projetos com essa temática estão crescendo e sendo apropriados por pesquisadores da educação. Vale dizer que houve uma limitação no que se refere ao Plano de Aula, já que para sua efetiva aplicabilidade, seria necessário que as professoras o experienciasse em sala; até a entrega deste projeto, ainda há rigorosas restrições sociais devido à pandemia de Covid-19.

Por fim, o projeto tratou a problemática junto ao campo educacional e, ao fazer um balanço entre as soluções parcial e final, foi visto a necessidade dos professores tratarem de forma enfática uma relação ensino/aprendizagem que conecte as crianças, aproximando-as,

integrando-as e fazendo-as se apropriar de trabalhos colaborativos que contribuam com uma comunidade que garanta o respeito identitário e a cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLAMO, R. S. **Pictogramas como Metodologia**. WhatsApp. 20 abr. 2021. 13:17. 1 mensagem de WhatsApp.

AUTISMO: veja como identificar seus primeiros sinais. *Veja Saúde. Família Mente Saudável*. Redação Mulher. 02 set. 2019. Disponível em:
<https://saude.abril.com.br/familia/autismo-veja-como-identificar-seus-primeiros-sinais/>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP. 2004

CAPELLINI, V. **Educação especial e Libras - Fundamentos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. 1 vídeo (17m. 22s.). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: <https://youtu.be/4LgA9YhtBWk>. Acesso em: 28 abr. 2021.

CARTONI, A. P. S; RIBEIRO, M. R. **A Inclusão de Autistas no Ensino Regular após a declaração de Salamanca**. Painel. Encontro Internacional de Produção Científica. Unicesumar. 2017. Disponível em:
<https://proceedings.science/epcc/papers/a-inclusao-de-autistas-no-ensino-regular-apos-a-declaracao-de-salamanca>. Acesso em 19 jun. 2021.

DONATI, G. C. F.; CAPELLINI, V. L. M. F. **Consultoria colaborativa no ensino superior, tendo por foco um estudante com transtorno do espectro autista**. *RIAEE–Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara*, v. 13. n. esp. 2, p. 1459-1470, set., 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 6.ed. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

MANFRINATO, J. **Setor de Orientação Educacional**. WhatsApp. 29 abr. 2021. 17:07. 1 mensagem de WhatsApp.

MATERNIDADE_atipica_tea. Instagram: @maternidade_atipica_te. Disponível em: https://www.instagram.com/maternidade_atipica_tea/. Acesso em: 09 mai. 2021

MOTOKANE, M. T. **Fundamentos e Práticas no Ensino de Ciências da Natureza - Como deve ser a mediação do professor?** Canal UNIVESP. Disciplina: Pedagogia. 12 de mar. de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/RcYukpTvRG4>. Acesso em: 09 mai. 2021

OLIVEIRA, C. **Um retrato do autismo no Brasil.** Revista Espaço Aberto. Editora USP. Edição 170. 2021. Disponível em <http://www.usp.br/espacoaberto/?p=35868>. Acesso em: 09 mai. 2021.

PIAGET, J.. **Seis Estudos de Psicologia.** 10.ed. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim, Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.

PLANO de Aula. Página Inicial. Disponível em <https://apps.univesp.br/plano-de-aula/> Acesso em: 26 jun. 2021

PROGRAMA de Atenção aos Transtornos do Espectro do Autismo. PRATEA. UNICAMP. FCM. 2020. Disponível em: <https://www.fcm.unicamp.br/pratea/> Acesso em 19 jun. 2021.

RODRIGUEZ, A. A. **La Música en la Educación de niños TEA y Síndrome de Savant.** Univesidad de la Laguna. Facultad de Educación. Projeto de Mestrado. Laguna. Espanha. 2020. Disponível em <https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/20828/La%20musica%20en%20la%20educacion%20de%20ninos%20TEA%20y%20Sindrome%20de%20Savant..pdf?sequence=1> Acesso em: 19 jun. 2021.

SIGNORINI, I. **Letramento e inovação no ensino e na formação do professor de Língua Portuguesa.** In: Signorini, I. (Org.). Significados da inovação no ensino de Língua Portuguesa e na formação de professores. Campinas: Mercado de Letras, 2007, v., p. 211-228.

SÍNDROME de Savant. Instituto NeuroSaber. 30/10/2017. Disponível em <https://institutoneurosaber.com.br/o-que-e-a-sindrome-de-savant/>. Acesso em: 09 mai. 2021.

SINDUSFARMA. **No mundo, estima-se que uma em cada 160 crianças tem transtorno do espectro autista.** Sindusfarma. Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos. Empresas em Foco. 01/04/2021. Disponível em:

<https://sindusfarma.org.br/noticias/empresas-foco/exibir/14905-no-mundo-estima-se-que-uma-em-cada-160-criancas-tem-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 08 mai. 2021.

SONSIN, J. **Os benefícios da orientação psicológica na família de pessoas com autismo.**

Telavita. Seção Transtornos de Aprendizagem. Set/2018. Disponível em:

<https://www.telavita.com.br/blog/familia-de-autista>. Acesso em 08 mai. 2021.

SOUZA, F. **TEA Ensino Superior.** WhatsApp. [Grupo LP015 Letramentos] 01 mai. 2021.

15:15. 1 mensagem de WhatsApp.

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

a) Nome completo da entrevistada.

Lidiana Fernandes de Rezende.

b) Formação.

Normal Superior (Escola Nasser), Direito (Unifeob) e Pedagogia (Facab)

c) Local em que trabalha.

E.M.E.B”Moacyr Lopes de Carvalho, E.M.E.B”Professor Germinal Ferrari”

d) Há quanto tempo leciona?

20 anos

e) Leciona para o Ensino Infantil, Fundamental ou Médio?

Sou efetiva na educação infantil mas trabalho com ensino fundamental como carga suplementar.

f) Quais as principais dificuldades que você encontra em sala de aula quando, entre os alunos, há estudantes com TEA? Quais, geralmente, são estas necessidades?

A maior dificuldade que encontramos é a falta muitas vezes do apoio das famílias que, muitas vezes transfere para o professor a tarefa de educar, o que seria de responsabilidade da família. Em relação aos alunos com necessidades especiais nos barramos novamente com a não aceitação das famílias também, muitas vezes esses não conseguem admitir a necessidade do filho(a), se omitem a essa responsabilidade de procurar a ajuda clínica para esses alunos deixando nós, os professores muitas vezes de

mãos atadas, sem sabermos o que e como trabalhar com esse aluno, me esforço muito para dar a esse aluno uma educação significativa, mas em muitos casos não sabemos quais as necessidades desses alunos, trabalhamos aquilo que se torna evidente, mas existem muitos campos que teriam que ser trabalhados e só conseguimos fazer esse trabalho com um laudo para termos a dimensão de suas necessidade e o que realmente trabalhar com eles.

g) Como você prepara e aplica suas aulas, quando na classe há um aluno com TEA? Você faz algum planejamento especial ou busca resgatá-lo para acompanhar os conteúdos junto aos demais?

O planejamento dessa criança com necessidade especial é diferenciada pois, a aprendizagem dele se difere dos demais alunos, mas o conteúdo é o mesmo, o que faço é adaptar essas atividades à realidade desse meu aluno.

h) A escola oferece algum suporte específico a respeito do desenvolvimento de alunos com TEA? Aulas extracurriculares, acompanhamento individual de outros profissionais em sua aula, reuniões com psicólogos, etc.?

Existem salas de reforço, acompanhamento de psicopedagogos, salas de recurso, mas ao meu ver ainda falta muito para atender completamente esses alunos, algumas áreas deixam um pouco a desejar. Acredito que o respaldo aos professores poderia ser mais amplo, com cursos mais completos e específicos. Acredito que, a inclusão foi inserida no sistema educacional de forma muito “pobre” de informação aos profissionais da educação, sem muitas formações e informações, acredito que muitas vezes a inclusão se torna exclusão quando não se consegue atingir a esse aluno.

i) Você poderia relatar uma experiência marcante em sala de aula que envolveu alunos com TEA?

Ano passado tive um aluno que não conseguia se relacionar com os colegas de sala, se mostrava sempre muito agressivo com os colegas, funcionários da escola, com membros da família e até mesmo comigo, professora e estagiária, entrei em contato com os pais e logo de início me deparei com uma rejeição, por parte do pai, que dizia que o filho era assim porque “havia puxado pra ele, porque ele também era nervoso e resolvia

tudo na violência”, fiquei comovida porque senti que a mãe se incomodava com essa situação, o pai era de difícil diálogo, dizendo que nós professores deveríamos aguentar o filho pois ganhamos para isso. Notando essa não aceitação do pai, chamei a mãe para uma conversa particular em um outro momento e relatei tudo aquilo que achava que o filho necessitava, ela muito emocionada me relatou que sofria com isso, que além do filho tinha que aguentar “a burrice e intolerância” do pai, se prontificou a levar o filho, sem a autorização do pai ao médico, haja vista já ter feito isso com a anuência do mesmo, mas quando o médico passou a medicação e levantou a hipótese de um T.O.D e T.E.A, o pai disse que o filho não era “retardado” e que não iria fazer uso de medicamento nenhum e não iria mais em médico algum, que a mãe estava procurando “chifre na cabeça de cavalo”. A mãe então levou o filho novamente ao médico no posto de saúde da cidade e esse encaminhou o menino até um neuro e um psicólogo, mas as consultas ficaram suspensas por conta da pandemia e o aluno está sem assistência, esperando ser chamado, a família não tem condições de pagar um tratamento particular, isso também é uma barreira que muitos encontram, nesse caso há um agravante pois a mãe está fazendo tudo às escondidas do pai, mas disse que fará isso para o bem do filho, pois o que ela mais deseja é vê-lo feliz e bem.

j) Na sua opinião, dentro da sala de aula, o que poderia ser feito pelo professor para que o desenvolvimento de estudantes com TEA seja efetivo?

Atividades bem preparadas visando atender suas necessidades, que cada aluno tivesse um profissional que, juntamente com o professor desse uma atenção exclusiva para esse aluno, apesar de ser lei e direito de todos, muitas crianças ainda não possuem essa ajuda ficando quase sempre a cargo do professor toda essa responsabilidade. Eles necessitam de uma atenção maior e prioritária e quando somente o professor faz esse trabalho sozinho é impossível atingir todos os objetivos, pois a atenção do professor se divide entre o aluno com necessidades especiais e o restante da sala. Há também a necessidade de materiais específicos para trabalharmos com esses alunos, nós professores nos esforçamos na maioria das vezes para confeccionarmos esses materiais, mas muitas vezes deixamos a desejar, pois existem materiais que não conseguimos adaptar, e muitas escolas ainda há uma defasagem muito grande nesse campo. Acredito que teria que ter mais políticas públicas para assistência desses alunos bem como cursos pra os profissionais da educação.

ENTREVISTA 2

a) Nome completo da entrevistada.

Rosany de Lima Andrade Reis

b) Formação.

Magistério, pedagogia e psicopedagogia

c) Local em que Trabalha

Escola EMEB Prof. Moacyr Lopes de Carvalho

d) Há quanto tempo leciona?

19 anos

e) Ensina para o Ens. Infantil, Fundamental ou Médio?

Ed. Infantil

f) Quais as principais dificuldades que você encontra em sala de aula quando, entre os alunos, há estudantes com TEA? Quais, geralmente, são estas necessidades?

As maiores dificuldades na maioria das vezes é um diagnóstico para saber qual a necessidade do aluno e o que é necessário para ajudar ele. Além disso, é importante um auxiliar e material adequado para ajudar esse aluno a poder progredir e não ser apenas um número em sala de aula.

g) Como você prepara e aplica suas aulas, quando na classe há um aluno com TEA? Você faz algum planejamento especial ou busca resgatá-lo para acompanhar os conteúdos junto aos demais?

Quando alguma criança tem dificuldades independente de ter algum diagnóstico ou não é com

certeza trabalhado um diferencial nas atividades e vendo onde tem mais dificuldades e trabalhado conforme suas necessidades.

h) A escola oferece algum suporte específico a respeito do desenvolvimento de alunos com TEA? Aulas extracurriculares, acompanhamento individual de outros profissionais em sua aula, reuniões com psicólogos, etc.?

Quando percebemos dificuldades de aprendizagem é informado a direção da escola e conversado com os pais e pedido acompanhamento conforme sua necessidade, como por exemplo, fonoaudióloga, psicóloga ou psicopedagoga. Mas como no SUS tudo se espera vaga, tem que esperar vagas, quando os pais podem pagar e já encaminham e sendo trabalhadas as necessidades com certeza já é vista uma evolução no seu desenvolvimento.

h) Você poderia relatar uma experiência marcante em sala de aula que envolveu alunos com TEA?

Tive um aluno com autismo, visível já desde antes dos dois anos, e com a comunicação aos responsáveis das observações feitas a família levou a ser feito um diagnóstico e comprovando que realmente tinha autismo. A criança não falava e tinha problemas de socialização. Com o acompanhamento adequado de psicóloga, psicopedagoga e fonoaudióloga, depois de meses já se observava um progresso e hoje o acompanho ainda a distância e nem se percebe o autismo nele se não for falado. O diagnóstico precoce e um bom tratamento fazem toda a diferença na vida da criança.

i) Na sua opinião, dentro da sala de aula, o que poderia ser feito pelo professor para que o desenvolvimento de estudantes com TEA seja efetivo?

Eu acredito que um diagnóstico precoce e um bom tratamento com atividades diferenciadas, mas sem excluir a criança e sim adaptando a realidade com amor e respeito a criança consegue ter um bom desenvolvimento e por muitas vezes até se superar e ter uma vida plena e com realizações.

Apêndice 2 - Plano de Aula

Nome das Professoras: Lidiana Fernandes Rezende e Rosany Andrade

Escola: EMEB Prof. Moacyr Lopes de Carvalho

Disciplina: Educação Infantil

Série: Maternal II A e Maternal II C

Bloco Temático

Atividades lúdicas interativas envolvendo leituras multimodais com todas as crianças, incluindo a participação ativa com as do Transtorno do Espectro Autista.

Conteúdo

Roda Interativa de Música com Repetição Esporádica

Objetivos

Estimular a interação entre todas as crianças;

Encorajar todos a cantarem juntos;

Despertar o interesse à fala colaborativa.

Procedimentos Metodológicos

Antes da realização da atividade, faz-se necessário que haja um espaço físico para que as crianças possam brincar e correr em segurança. Recomenda-se também que haja a seleção de alguns vídeos (detalhados a seguir nos recursos didáticos).

As etapas da aplicação da atividade:

- a) as crianças e a professora se juntam formando uma roda;
- b) a professora escolhe uma música com refrões de fácil assimilação e canta com as crianças;
- c) depois a professora permite que uma criança escolha uma cantiga que goste (se a criança não souber, a professora recomenda um dos vídeos pré-selecionados);

- d) após a escolha todos cantam a música escolhida pela criança;
- e) novamente a professora repete a música de fácil assimilação, mas agora pede para todos segurarem as mãos;
- f) a professora pede para outra criança selecionar uma música, e as crianças soltam a mão;
- g) É repetida a música de fácil assimilação, mas agora as crianças dão as mãos e é estimulado que todos dançam em roda;

O ciclo se reinicia, sempre voltando à canção de fácil assimilação e estimulando sua dança e ampliando as interações físicas a cada repetição (todos cantam, depois seguram nas mãos, seguram nos braços, trocam os coleguinhas do lado, e assim por diante).

Avaliação

É factual que a professora veja se todas as crianças interagem com a canção de fácil assimilação. A avaliação está na observação de duas frentes:

- a) A importância do ciclo de escolhas: as crianças escolhem uma canção, então elas interagem, ao menos, na própria escolha;
- b) As crianças com TEA, geralmente se sentem desconfortáveis com o ineditismo e a quebra de padrões, por isso a repetição esporádica da mesma canção (com suaves diferenças na interação) gera confiabilidade, diversão e coparticipação. Elas estão ampliando suas interações a cada ciclo?

Recursos Didáticos

Dentre os recursos didáticos necessários, é importante que haja um aparelho que toque músicas e se conecte à internet (um smartphone, por exemplo). Recomenda-se as músicas do grupo Palavra Cantada, pois suas canções são de fácil assimilação e repetição pelas crianças.

Referência para o PA

Palavra Cantada (canal). Youtube. Disponível em

<https://www.youtube.com/channel/UCGs6qb1ohFhDzeHbYeJlsAA>. Acesso em 26 jun. 2021.